



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

PERIGO, PERIGO

O sindicato que representa os condomínios das superquadras e das quadras comerciais de Brasília está com uma proposta que pode acabar de vez com a fachada modernista dos blocos e transformar o Plano Piloto numa Miami de seis andares. O sindicato quer propor uma lei: os condomínios que reformarem seus prédios ficarão isentos de pagamento de IPTU e Taxa de Limpeza Pública. A

menos que o sindicato agregue à proposta o respeito à arquitetura moderna, teremos brevemente um Plano Piloto "maiamizado".

Perto dos 50 anos, o Plano já apresenta muito mais rugas do que se espera de uma cidade de meio século. No caso dos blocos das superquadras, as instalações e elétricas estão corroídas pelo tempo. Mas não parece ser somente isso que incomoda os donos dos imóveis (boa parte deles, pelo menos), a se observar as mudanças que vêm sendo feitas nas fachadas dos blocos das SQS.

Os proprietários estão tirando azulejos de Athos Bulcão, combogós, concreto aparente, pastilhas coloridas e jardins de Burt Glinn e substituindo tudo por

mármore, gesso, vidro e plantas exóticas com jeito de "olha-como-eu-sou-chique". Estão transformando o patrimônio cultural numa cópia requentada do novo-riquismo brega. Trocando a autêntica criação da arquitetura moderna pelo falso luxo espelhado.

Soma-se ao mau gosto o desprezo pelo talento (reconhecido no mundo inteiro) da arquitetura moderna brasileira. Desprezo ou, quem sabe, falta de conhecimento sobre o que representam os azulejos coloridos, os buraquinhos na parede, as pastilhas pequenas e multicoloridas.

A única cidade moderna reconhecida como patrimônio da humanidade está sendo vítima dos mesmos males

que destruíram boa parte do casario colonial das grandes capitais brasileiras. O Rio antigo, de que tantos lamentam ter sobrado tão pouco, a São Luís dos azulejos portugueses, o Pelourinho abandonado por tanto tempo. O pouco que se salvou nessas cidades e em tantas outras deveu-se, principalmente, à mobilização de seus habitantes, e a atuação do Iphan, nem sempre em tempo hábil, menos pelo empenho de seus servidores, e mais pelo desinteresse dos que têm a chave do cofre.

No caso de Brasília, há uma contradição: diz-se que esta é uma das cidades mais "culturais" do país, com um público sofisticado que frequenta cinemas, teatros, que consome obras

de arte, cidade lida e viajada. A mesma clientela que passa os fins de semana em Pirenópolis, e se enternece com o casario colorido do século 17 e 18. E faz percursos bem mais longos para conhecer o patrimônio cultural além-mar.

Olhando com um pouco mais de vagar, a contradição talvez seja de outra ordem: derrubar as fachadas modernistas e sapecar mármore, granito e vidro aumenta o valor do patrimônio. Ou seja, mais uma vez, o Plano Piloto está terrivelmente ameaçado pela especulação imobiliária, o inimigo número 1 da cidade modernista, o mesmo que destruiu tesouros da história da arquitetura brasileira ao longo do século passado.